

Eu sou um liberal?

por John Maynard Keynes^{1, 2, 3}



André Cutrim Carvalho⁴

RESUMO

O ensaio de John Maynard Keynes, intitulado “Eu sou um Liberal?”, é um texto clássico, uma introdução essencial para entender o seu pensamento econômico, social e, principalmente, político. Em várias passagens, Keynes questiona sua real afinidade com o liberalismo de sua época, sobretudo quando reflete sobre as dinâmicas políticas do início do século XX e as inadequações dos partidos Conservador e Trabalhista britânicos. O ensaio aborda temas como justiça social, paz, governança, questões de gênero feminino e estabilidade econômica, buscando um caminho que transcenda o dualismo partidário. Keynes advogava por um liberalismo renovado, uma espécie de terceira via, capaz de responder às necessidades de uma sociedade em constante processo de mudança, evidenciando a necessidade de reformulação do Partido Liberal frente às realidades daquele contexto histórico. Sua análise abrange a importância de adaptar o liberalismo às exigências de justiça e estabilidade social, propondo uma política que integre perspectivas econômicas equitativas, o que reflete um Keynes mais maduro e ciente da importância de um equilíbrio entre liberdade econômica e intervenção estatal. Assim, reinterpretar suas ideias como um dos precursores da social-democracia moderna pode ser uma maneira apropriada de compreender o seu verdadeiro legado, consolidando-o como uma das principais referências intelectuais – se não a mais importante – na compreensão da economia contemporânea. A tradução aqui apresentada, para fins exclusivamente educacionais e não comerciais, busca não apenas preencher uma lacuna na literatura brasileira sobre o assunto, mas também ampliar o entendimento de suas teorias, facilitando o diálogo entre suas perspectivas históricas e as demandas contemporâneas. É, também, uma forma de manter o legado de Keynes vivo para as novas gerações.

Palavras-chave: John Maynard Keynes. Liberalismo. Reformulação. Social-democracia.

¹ Am I a Liberal (“Eu sou um Liberal?”) foi inicialmente proferido como um discurso por John Maynard Keynes na Escola de Verão Liberal, que se reuniu em Cambridge, ao norte de Londres, em agosto de 1925. Posteriormente, foi então publicado no formato de dois artigos no *The Nation and Athenaeum*, um jornal político britânico, em 1925 – Parte I em 8 de agosto (pg. 563-564) e Parte II em 15 de agosto (pg. 587-588). Foi reimpresso na sua obra *Essays in Persuasion* (“Ensaio em Persuasão”) em 1931 (Cap. IV. 3, pg. 323-338), e reproduzido no *The Collected Writings of John Maynard Keynes* (“Os Escritos Coletados de John Maynard Keynes”) de 1972.

ABSTRACT

John Maynard Keynes' essay, titled "Am I a Liberal?", is a classic text and an essential introduction to his economic, social, and primarily political thought. In several passages, Keynes questions his real affinity with the liberalism of his time, especially when reflecting on the political dynamics of the early 20th century and the inadequacies of the British Conservative and Labor parties. The essay discusses themes such as social justice, peace, governance, female gender questions, and economic stability, seeking a path that transcends partisan dualism. Keynes advocated for a renewed liberalism, a kind of third way, capable of meeting the needs of a society in constant change, highlighting the necessity of reforming the Liberal Party in response to the realities of that historical context. His analysis covers the importance of adapting liberalism to the demands of social justice and stability, proposing a policy that integrates equitable economic perspectives, reflecting a more mature Keynes aware of the significance of balancing economic freedom and state intervention. Thus, reinterpreting his ideas as one of the precursors of modern social democracy can be an appropriate way to understand his true legacy, consolidating him as one of the main intellectual references – if not the most important – in understanding contemporary economics. The translation presented here, for educational and non-commercial purposes only, seeks not only to fill a gap in the Brazilian literature on the subject, but also to broaden the understanding of his theories, facilitating dialogue between his historical perspectives and contemporary demands. It is also a way to keep Keynes' legacy alive for new generations.

Keywords: John Maynard Keynes. Liberalism. Reformulation. Social Democracy.

2 A versão selecionada para tradução, destinada exclusivamente a fins educacionais e não comerciais, foi extraída do website The History of Economic Thought (HET), disponível em: <https://www.hetwebsite.net/het/texts/keynes/keynes1925liberal.htm>. O texto original do discurso, segundo nota do próprio HET, contém um trecho sobre o Partido Trabalhista que foi omitido na versão impressa, mas que está incluído nesta versão traduzida entre colchetes. Os colchetes, por sua vez, indicam o início da respectiva página na versão contida em *Essays in Persuasion*. Ademais, convém salientar que alguns termos em itálico e em letras maiúsculas permanecem conforme apresentados na referida versão de *Essays in Persuasion*.

3 Como dito anteriormente, John Maynard Keynes, que faleceu em 1946, é o autor do texto/discurso. Segundo as leis de direitos autorais vigentes em muitos países, incluindo o Brasil e o Reino Unido, os trabalhos de um autor entram em domínio público setenta (70) anos após sua morte. Assim, desde 2017, os trabalhos originalmente publicados por Keynes estão em domínio público, o que permite que sejam traduzidos e publicados sem a necessidade de obter permissões adicionais para o conteúdo original, especialmente se tratando de uma tradução para fins educacionais e não comerciais. É importante destacar que, embora existam traduções deste texto na língua portuguesa de Portugal e na língua espanhola, esta é a primeira vez que o referido texto receberá uma tradução literal para a língua portuguesa do Brasil. Ademais, vale ressaltar que a revista *The Nation and Athenaeum*, na qual o artigo foi originalmente publicado, não existe mais.

4 Economista, Engenheiro de Computação e Bacharelado em História. Mestre em Economia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor em Desenvolvimento Econômico e Pós-Doutor em Economia pelo Instituto de Economia (IE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor-Pesquisador da UFPA e Coordenador do Grupo de Pesquisa Teoria Econômica de Keynes (GTEK). E-mail: andrecc83@gmail.com.

INTRODUÇÃO

I

[pg. 323] Se alguém nasce como um animal político, é muito desconfortável não pertencer a nenhum partido: é frio, solitário e inútil. Se o seu partido é forte, e seu programa e filosofia são atraentes e satisfazem os instintos gregários, práticos e intelectuais ao mesmo tempo, quão agradável isso deve ser! – Vale a pena uma grande dedicação e todo o tempo livre – isto é, se você for um animal político.

Assim, o animal político que não consegue pronunciar as palavras desafiadoras, “Eu não sou um homem de partido”, quase preferiria pertencer a qualquer partido do que a nenhum. Se ele não pode encontrar um lar pelo princípio da atração, ele deve encontrar um pelo princípio da repulsão e ir em direção àqueles que menos gosta, em vez de permanecer do lado de fora no frio.

Agora, considerando meu próprio caso: onde estou aterrissando com este teste negativo? Como eu poderia me tornar um Conservador? Eles não me oferecem comida, bebida – nem consolação intelectual ou espiritual. Eu não deveria me divertir [pg. 324] nem ficar entusiasmado ou edificado. Aquilo que é comum à atmosfera, à mentalidade, a visão de vida de – bem, não mencionarei nomes – não promove o meu interesse próprio nem o bem público. Não leva a lugar nenhum; não satisfaz nenhum ideal; não está em conformidade com nenhum padrão intelectual; não é nem mesmo seguro, ou calculado para preservar de vândalos o grau de civilização que já alcançamos.

Deveria eu, então, me juntar ao Partido Trabalhista? Superficialmente isso é mais atraente. Porém, olhando mais de perto, existem grandes dificuldades. Para começar, é um partido de classe, e a classe não é a minha classe. Se eu vou buscar interesses seccionais, vou perseguir o meu próprio. Quando se trata da luta de classes como tal, meus patriotismos locais e pessoais, como os de todos os outros, exceto alguns invejosos desagradáveis, estão apegados ao meu próprio ambiente. Eu posso ser influenciado pelo que parece justo e sensato; mas a guerra de *Classes* me encontrará ao lado da *burguesia*⁵ educada.

Mas esta não é a dificuldade fundamental. Estou pronto para sacrificar os meus patriotismos por um importante propósito geral. Qual é a verdadeira repulsa que me mantém afastado do Partido Trabalhista?⁶

Não posso explicar isso sem começar a abordar minha posição fundamental. Acredito que, no futuro, mais do que nunca, as questões sobre o arcabouço econômico da sociedade serão, de longe, as mais importantes em assuntos políticos. Eu acredito que a solução correta envolverá elementos intelectuais e científicos que devem estar acima das cabeças da grande massa de eleitores pouco ou nada instruídos. Agora, em uma democracia, todos os partidos devem depender dessa massa de eleitores mal informados, e nenhum partido alcançará o poder a menos que possa conquistar a confiança desses eleitores, persuadindo-os de forma geral de que pretende promover seus interesses ou satisfazer suas paixões. No entanto, há diferenças entre os vários partidos quanto ao grau em

5 Em francês, no original: *bourgeoisie*.

6 Essa passagem foi omitida na versão publicada, mas está contida no discurso original de John Maynard Keynes para a Escola de Verão Liberal em 1925.

que a máquina partidária é democratizada do início ao fim, e a preparação do programa do partido é democratizada em detalhes. A esse respeito, o Partido Conservador está em melhor posição. O círculo interno do partido pode ditar quase todos os detalhes e a técnica da política. Tradicionalmente, a administração do Partido Liberal também foi suficientemente autocrática. Recentemente, houve movimentos indesejáveis na direção de democratizar os detalhes do programa do partido. Esta tem sido uma reação contra uma liderança fraca e dividida, para a qual, de fato, não há remédio exceto uma liderança forte e unida. Com uma liderança forte, a técnica, distinta dos princípios fundamentais, da política ainda poderia ser ditada de cima. O Partido Trabalhista, por outro lado, está em uma posição muito mais fraca. Eu não acredito que os elementos intelectuais do partido venham a exercer um controle adequado.

Mas, acima de tudo, não acredito que os elementos intelectuais do Partido Trabalhista exercerão um controle adequado; muito será sempre decidido por quem não sabe *nada* do que está falando; e se – o que não é improvável – o controle do partido for tomado por um círculo interno autocrático, esse controle será exercido em favor da extrema esquerda – a secção do Partido Trabalhista que eu designarei de Partido da Catástrofe⁷.

No teste negativo, inclino-me a acreditar que [pg. 325] o Partido Liberal ainda é o melhor instrumento do progresso futuro – se ao menos tivesse uma liderança forte e o programa certo.

Contudo, quando começamos a considerar o problema dos partidos de uma maneira positiva – por referência ao que atrai e não ao que repele – o aspecto é sombrio em todos os partidos, seja depositando nossas esperanças em propostas ou em pessoas. E a razão é a mesma em cada caso. As questões partidárias históricas do século XIX estão tão mortas quanto o carneiro servido na semana passada; e embora as questões do futuro estejam surgindo, elas ainda não se tornaram questões partidárias, e atravessam as antigas linhas partidárias.

A liberdade civil e religiosa, as franquias, a questão irlandesa, o autogoverno dos domínios⁸, o poder da Câmara dos Lordes, a progressividade acentuada dos impostos sobre renda e fortunas, o uso extravagante das receitas públicas para “Reforma Social”, ou seja, seguro social para doença, desemprego e velhice, educação, moradia e saúde pública – todas essas causas pelas quais o Partido Liberal lutou foram alcançadas com sucesso, ou estão obsoletas, ou são terreno comum para todos os partidos. O que resta? Alguns dirão – a Questão da Terra. Eu não – acredito que esta questão, em sua forma tradicional, agora se tornou, devido a uma mudança silenciosa nos fatos, de pouca importância política. Vejo apenas dois pilares da histórica plataforma Liberal ainda navegáveis – a Questão da Bebida e o Livre Comércio. E desses dois, o Livre Comércio sobrevive como uma grande e [pg. 236] viva questão política, por acidente. Sempre houve dois argumentos a favor do livre comércio – o argumento do *laissez-faire*, que atrai e continua a atrair individualistas liberais, e o argumento econômico baseado nos benefícios decorrentes de cada país empregar seus recursos onde possui uma vantagem comparativa. Já não acredito na filosofia política que adornava a doutrina do livre comércio. Eu acredito no livre comércio porque, a longo prazo e em geral, é a única política que é tecnicamente sólida e intelectualmente rigorosa.

7 Deste ponto em diante a versão publicada continua.

8 Nota do tradutor: O período de autogoverno dos domínios, também conhecido como “Domínio Próprio”, se estendeu por dois séculos: o final do século XIX e o início do século XX. Corresponde ao período na história britânica em que algumas colônias dentro do império receberam um grau significativo de autonomia.

Mas, na melhor das hipóteses, o Partido Liberal pode se sustentar apenas na Questão da Terra, na Questão da Bebida, e no Livre Comércio sozinho, mesmo que consiga alcançar um programa unificado e claro sobre os dois primeiros? O argumento positivo para ser liberal é, atualmente, muito fraco. Como os outros partidos sobrevivem ao teste positivo?

O Partido Conservador sempre terá seu lugar como um bastião inabalável. Mas, construtivamente, está tão mal quanto o Partido Liberal. Muitas das vezes não é mais do que um acidente de temperamento ou de associações passadas, e não uma diferença real de política ou de ideais, que agora separa o jovem conservador progressista do liberal médio. Os velhos gritos de guerra são abafados ou silenciados. A Igreja, a Aristocracia, os Interesses Fundiários, os Direitos de Propriedade, as Glórias do Império, o Orgulho dos Serviços, até mesmo a Cerveja e o Uísque, nunca mais serão as forças orientadoras da política britânica.

O Partido Conservador deveria se preocupar [pg. 327] em desenvolver uma versão do Capitalismo Individualista adaptada à progressiva mudança de circunstâncias. A dificuldade é que os líderes Capitalistas na Cidade e no Parlamento são incapazes de distinguir novas medidas para salvaguardar o Capitalismo daquilo que chamam de Bolchevismo. Se o capitalismo à moda antiga fosse intelectualmente capaz de se defender, não seria desalojado por muitas gerações. Mas, felizmente para os Socialistas, há pouca chance disso.

Eu acredito que as sementes da decadência intelectual do Capitalismo Individualista devem ser encontradas em uma instituição que não é minimamente característica de si mesma, mas que herdou do sistema social do Feudalismo que o precedeu – nomeadamente, o princípio hereditário. O princípio hereditário na transmissão de riqueza e no controle dos negócios é a razão pela qual a liderança da Causa Capitalista é fraca e estúpida. Está muito dominada por homens da terceira geração⁹. Nada causará o declínio de uma instituição social com mais certeza do que seu apego ao princípio hereditário. Uma ilustração disso é que a Igreja, de longe a mais antiga de nossas instituições, é a única que sempre se manteve livre da mancha hereditária.

Da mesma forma que o Partido Conservador sempre terá sua ala Radical, então o Partido Trabalhista estará sempre flanqueado pelo Partido da Catástrofe – jacobinos, comunistas, bolcheviques, como você escolher chama-los. Este é o partido [pg. 328] que odeia ou despreza as instituições existentes e acredita que grandes benefícios resultarão apenas em derrubá-las – ou, pelo menos, que derrubá-las é o passo preliminar necessário para qualquer grande bem. Esse partido só pode florescer em uma atmosfera de opressão social ou como reação contra as regras intransigentes. Na Grã-Bretanha, em sua forma extrema, é numericamente muito fraco. No entanto, na minha opinião, a sua filosofia permeia, sob uma forma diluída, todo o Partido Trabalhista. Por mais moderados que, no fundo, possam ser seus líderes, o Partido Trabalhista dependerá sempre, para ter sucesso eleitoral, de fazer leve apelo, ainda que ligeiro, às paixões e invejas generalizadas que encontram seu completo desenvolvimento no Partido da Catástrofe. Acredito que essa simpatia secreta com a política da catástrofe é o verme que corrói a navegabilidade de qualquer nave

⁹ Nota do tradutor: Keynes critica a liderança do capitalismo individualista, argumentando que a hereditariedade na transmissão de riqueza e poder levaria à ascensão de líderes despreparados e ineficazes. Para ele, os “homens da terceira geração”, representam o fenômeno em que a gestão e o controle das empresas (e da riqueza) tendem a ser passados de pais para filhos por muitas gerações. Keynes, por conseguinte, defendia uma liderança baseada no mérito e na capacidade, e não na herança.

construtiva que o Partido Trabalhista possa lançar. As paixões da maldade, inveja, ódio àqueles que têm riqueza e poder (mesmo dentro de seu próprio corpo), não se associam aos ideais para construir uma verdadeira República Social. Contudo, é necessário que um líder trabalhista bem-sucedido seja, ou pelo menos pareça ser, um pouco selvagem. Não é suficiente que ele ame seus semelhantes; ele deve odiá-los também.

O que, então, eu quero que o Liberalismo seja? Por um lado, o Conservadorismo é uma entidade bem definida — com uma ala de Radicais, para lhe dar força e paixão, e uma Esquerda do que se pode chamar de “o melhor tipo” de pessoas educadas e humanas, [p. 329] conservadores adeptos do livre comércio, para lhe emprestar respeitabilidade moral e intelectual. Por outro lado, o Partido Trabalhista também está bem definido – com uma Esquerda de Catastrofistas, para lhe dar força e paixão, e uma Direita do que se pode chamar de “o melhor tipo” de reformadores socialistas, educados e humanos, para lhe emprestar respeitabilidade moral e intelectual. Existe espaço para alguma coisa entre eles? Não deveríamos cada um denos aquidecidi rsenos consideramos “o melhor tipo” de Conservadores do Livre comércio, ou “o melhor tipo” de Reformadores Socialistas, e acabar com isso?

Talvez seja assim que vamos terminar. Mas eu ainda acredito que exista espaço para um partido que seja imparcial entre classes e que esteja livre, na construção do futuro, tanto das influências do radicalismo quanto das do catastrofismo, que irão arruinar as construções umas das outras. Permita-me esboçar, nos termos mais breves, o que eu considero ser a Filosofia e a Prática de um partido desse tipo.

Para começar, ele deve emancipar-se do peso morto do passado. Na minha opinião, agora não há lugar, exceto talvez na Ala Esquerda do Partido Conservador, para aqueles cujos corações estão fixados no individualismo antiquado e no *laissez-faire* em todo o seu rigor – muito embora esses tenham contribuído muito para o sucesso no século XIX. Eu digo isso não porque eu pense que essas doutrinas estivessem erradas nas condições que as originaram (Eu espero [pg. 330] ter pertencido a este partido se tivesse nascido cem (100) anos antes), mas porque deixaram de ser aplicáveis às condições modernas. Nosso programa não deve lidar com as questões históricas do Liberalismo, mas dos assuntos que – já convertidos ou não em questões partidárias – que são de interesse atual e de urgente importância hoje. Precisamos assumir riscos de impopularidade e desprezo. Então nossas reuniões atrairão multidões e nosso corpo será infundido de força.

II

Eu divido as questões de hoje em cinco tópicos: –

- (1) Questões de Paz;
- (2) Questões de Governo;
- (3) Questões Sexuais;
- (4) Questões sobre Drogas;
- (5) Questões Econômicas.

Nas Questões de Paz, sejamos Pacifistas ao máximo. No que diz respeito ao Império, eu não acho que exista algum problema importante, exceto na Índia. Em outros lugares, no que diz respeito a questões de governo, o processo de desintegração amigável está agora quase completo – para o grande benefício de todos. Mas no que diz respeito ao Pacifismo e Armamentos, estamos apenas no início. Eu gostaria de correr

riscos em nome da Paz, assim como no passado assumimos riscos no interesse da Guerra. Mas eu não quero que esses [pg. 331] riscos assumam a forma de um compromisso de fazer guerra em várias circunstâncias hipotéticas. Eu sou contra Pactos. Comprometer todas as nossas forças armadas para defender a Alemanha desarmada contra um ataque da França, no auge do poder militar desta última, é uma tolice; e presumir que participaremos de todas as futuras guerras na Europa Ocidental é desnecessário. Mas sou a favor de dar um exemplo muito bom, mesmo correndo o risco de parecer fraco, na direção da Arbitragem e do Desarmamento.

Eu passo, a seguir, às Questões de Governo – um assunto monótono, mas importante. Acredito que, no futuro, o Governo terá que assumir muitos deveres dos quais se evitou no passado. Para esses propósitos, Ministros e Parlamento serão inúteis. Nossa tarefa deve ser descentralizar e delegar sempre que possível, e, em particular, estabelecer corporações semi-independentes e órgãos de administração aos quais são atribuídas funções de governo, novos e antigos – sem, no entanto, prejudicar o princípio democrático ou a soberania final do Parlamento. Essas questões serão tão importantes e difíceis no futuro quanto o Sufrágio e as relações entre as duas Casas foram no passado.

As questões que agrupo como Questões Sexuais não foram questões partidárias no passado. Mas isso aconteceu porque elas nunca, ou raramente, foram objeto de discussão pública. Tudo isso mudou agora. Não há assuntos que o público em geral esteja mais interessado [pg. 332]; poucos que são objeto de discussão mais ampla. Eles são de extrema importância social; não podem deixar de provocar diferenças de opinião reais e sinceras. Alguns deles estão profundamente envolvidos na solução de certas questões econômicas. Não tenho dúvidas de que as Questões Sexuais estão prestes a entrar na arena política. O início muito rudimentar representado pelo Movimento Sufragista foram apenas sintomas de questões mais profundas e importantes abaixo da superfície.

Controle de Natalidade e uso de Contraceptivos, Leis Matrimoniais, o tratamento de delitos sexuais e anormalidades, a posição econômica da mulher, a posição econômica da família – em todos esses assuntos, o estado atual da lei e da ortodoxia ainda é medieval – completamente fora de sintonia com a opinião civilizada e a prática civilizada e com o que indivíduos, educados e sem instrução, dizem uns aos outros em particular. Que ninguém se engane com a ideia de que a mudança de opinião sobre esses assuntos afeta apenas uma pequena classe educada na crosta da fervura humana. Que ninguém suponha que são as mulheres trabalhadoras que vão se chocar com ideias de Controle de Natalidade ou de Reforma do Divórcio. Para elas, essas coisas sugerem uma nova liberdade, a emancipação da mais intolerável das tiranias. Um partido que discutisse essas coisas abertamente e com sabedoria em suas reuniões descobriria um novo e vivo interesse no eleitorado – porque a política estaria lidando, mais uma vez, com assuntos sobre os quais [pg. 333] todos querem saber e que afetam profundamente a vida de cada um.

Estas questões também estão interligadas com questões econômicas que não podem ser evitadas. O Controle de Natalidade afeta, de um lado, as liberdades das mulheres e, do outro lado, o dever do Estado de se preocupar com o tamanho da população tanto quanto com o tamanho do exército ou o montante do Orçamento. A posição das mulheres assalariadas e o projeto de Salário Familiar afetam não apenas o *status* das mulheres, a primeira na execução de trabalho remunerado e a segunda na execução de trabalho não remunerado, mas também levanta toda a questão de saber se os salários devem ser determinados pelas forças de oferta e demanda de acordo com as teorias ortodoxas do *laissez-faire*, ou se

devemos começar a limitar a liberdade dessas forças por referência ao que é “justo” e “razoável”, tendo em conta todas as circunstâncias.

As Questões sobre Drogas neste país estão praticamente limitadas à Questão da Bebida, embora eu gostaria de incluir o jogo de azar sob este título. Eu espero que a Proibição de Bebidas alcoólicas e de Casas de Apostas seja benéfica. Mas isso não resolveria o problema. Até que ponto deve ser permitido à humanidade entediada e sofredora, de tempos em tempos, uma fuga, uma emoção, um estímulo, uma possibilidade de mudança? – Esse é o problema importante. É possível permitir uma licença razoável, Saturnália¹⁰ autorizada, carnaval santificado, em condições que não prejudiquem nem a saúde nem o bolso dos festeiros [pg. 334], e que protejam da tentação irresistível a classe infeliz que, na América, são chamados de viciados?

Não posso esperar por uma resposta, mas devo apressar-me para a maior de todas as questões políticas, que são também aquelas sobre as quais estou mais qualificado para falar – as questões econômicas.

Um eminente Economista Americano, o Professor Commons¹¹, que foi um dos primeiros a reconhecer a natureza da transição econômica em meio às primeiras fases em que agora vivemos, distingue três épocas, três ordens econômicos, das quais estamos entrando na terceira.

A primeira é a Era da Escassez, “seja por ineficiência ou violência, guerra, costume ou superstição”. Nesse período, “existe o mínimo de liberdade individual e o máximo de controle comunitário, feudal ou governamental através da coerção física”. Isto foi, com breves intervalos e casos excepcionais, o estado econômico normal do mundo até (digamos) o século XV ou XVI.

Em seguida, vem a Era da Abundância. “Em um período de extrema abundância existe o máximo de liberdade individual, o mínimo de controle coercitivo pelo governo, e a negociação individual toma o lugar do racionamento”. Durante os séculos XVII e XVIII, lutamos para sair da escravidão da escassez entrar no ar livre da abundância, e no século XIX, essa época culminou gloriosamente com as vitórias do *laissez-faire* e [pg. 335] do Liberalismo histórico. Não é surpreendente nem desonroso que os veteranos do partido olhem para trás, para aquela era mais fácil.

Mas agora estamos entrando em uma terceira era, que o Professor Commons chama de período de Estabilização, e caracteriza como “a alternativa real ao comunismo de Marx”. Neste período, ele diz, “há uma diminuição da liberdade individual, imposta em parte por sanções governamentais, mas principalmente por sanções econômicas através de ações concertadas, sejam secretas, semiabertas, abertas ou arbitral, de associações, corporações, sindicatos, e outros movimentos coletivos de fabricantes, comerciantes, trabalhadores, agricultores e banqueiros”.

Os abusos desta época nas esferas do Governo são o fascismo de um lado e o bolchevismo

¹⁰ Nota do tradutor: Saturnália do latim *Saturnale*, representa uma festividade romana dedicada ao deus Saturno.

¹¹ Nota do tradutor: John Rogers Commons (1862-1945) é um ilustre representante-fundador da escola institucionalista americana. Nascido em Ohio, Estados Unidos, ele atuou como professor e pesquisador de economia e sociologia nas Universidades de Wesleyan, Oberlin, Syracuse, Indiana e Wisconsin. Commons investigou o papel do Estado na economia e propôs o desenvolvimento de uma “Economia Institucional” como uma síntese entre Economia Política, Direito e Ética. Ele também foi presidente da *American Economic Association* (AEA).

do outro. O socialismo não oferece um meio termo, pois também emerge dos pressupostos da Era da Abundância, tanto do individualismo *laissez-faire* quanto do livre jogo das forças econômicas, diante dos quais, quase sozinho entre os homens, os Editores da Cidade, todos ensanguentados e com os olhos vendados, ainda se curvam lamentavelmente.

A transição da anarquia econômica para um regime que visa deliberadamente controlar e dirigir as forças econômicas em prol da justiça social e da estabilidade social apresentará enormes dificuldades, tanto técnicas quanto políticas. Eu sugiro, no entanto, que o verdadeiro destino do Novo Liberalismo é procurar a sua solução.

[pg. 336] Acontece que hoje temos diante de nós, na situação da Indústria do Carvão, uma lição objetiva dos resultados da confusão de ideias que agora prevalece. Por um lado, o Tesouro e o Banco da Inglaterra estão perseguindo uma política ortodoxa do século XIX baseada na suposição de que os ajustes econômicos podem e devem ser provocados pelo livre jogo das forças de oferta e demanda. O Tesouro e o Banco da Inglaterra ainda acreditam – ou, pelo menos, acreditavam até uma ou duas semanas atrás – que as coisas, que seguiram sob a premissa da livre concorrência e mobilidade do capital e trabalho, realmente ocorrem na vida econômica de hoje.

Do outro lado, não apenas os fatos, mas também a opinião pública, se afastaram consideravelmente na direção do período de Estabilização do Professor Commons. Os Sindicatos são fortes o suficiente para interferir no livre jogo das forças de oferta e demanda, e a Opinião Pública, embora com uma queixa e com mais do que uma suspeita de que os Sindicatos estão se tornando perigosos, apoia os Sindicatos em sua principal reivindicação de que os mineiros de carvão não deveriam ser vítimas de forças econômicas cruéis que eles nunca colocaram em movimento.

A ideia do partido do velho mundo, de que se pode, por exemplo, alterar o valor do dinheiro e depois deixar que os ajustamentos consequentes sejam provocados pelas forças de oferta e demanda, pertence aos dias de cinquenta (50) ou cem (100) anos atrás, quando os sindicatos eram impotentes, e quando **[pg. 337]** o *Juggernaut*¹² econômico era permitido avançar pela estrada do Progresso sem obstrução e até com aplausos.

Metade do manual de sabedoria de nossos estadistas baseia-se em suposições que já foram verdadeiras, ou parcialmente verdadeiras, mas que agora são cada vez menos verdadeiras a cada dia. Temos que inventar uma nova sabedoria para uma nova era. E, enquanto isso, devemos, se quisermos fazer algum bem, parecer heterodoxos, problemáticos, perigosos, desobedientes àqueles que nos geraram.

No campo econômico, isso significa, em primeiro lugar, que temos de encontrar novas políticas e novos instrumentos para adaptar e controlar o funcionamento das forças econômicas, para que não interfiram, de forma intolerável, nas ideias contemporâneas sobre o que é adequado e apropriado aos interesses de estabilidade social e justiça social.

Não é por acaso que o estágio inicial desta luta política, que será longa e assumirá muitas formas diferentes, deve se concentrar na política monetária. Pelas interferências mais violentas com a estabilidade e com a justiça, às quais o século XIX se submeteu, na devida

12 Nota do tradutor: *Juggernaut* é uma palavra que vem da anglicização do termo sânscrito *Jagannātha* — que é um dos nomes pelo qual o deus Krishna é conhecido na religião hindu, na Índia — e significa “força irresistível e implacável que, em seu avanço, esmaga ou destrói tudo o que se coloca em seu caminho”.

satisfação da filosofia da Abundância, foram precisamente aquelas provocadas por mudanças no nível de preços. Mas as consequências dessas mudanças, particularmente quando as Autoridades tentam impô-las a nós em uma dose mais forte do que o século XIX alguma vez engoliu, são intoleráveis para as ideias modernas e às instituições modernas.

Mudamos, por graus insensíveis, nossa [pg. 338] filosofia de vida econômica, nossas noções do que é razoável e do que é tolerável; e fizemos isso sem alterar nossa técnica ou nossas máximas de manuais. Daí nossas lágrimas e problemas.

Um programa partidário deve ser desenvolvido nos seus detalhes, dia após dia, sob a pressão e o estímulo de eventos reais; é inútil definir isso de antemão, exceto nos termos mais gerais. Mas, se o Partido Liberal deseja recuperar suas forças, ele precisa ter uma atitude, uma filosofia, uma direção. Esforcei-me para indicar a minha própria atitude em relação à política e deixo para outros responderem, à luz do que eu disse, à pergunta com a qual comecei – Eu sou um Liberal?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KEYNES, John Maynard. *Am I a Liberal?* In: The History of Economic Thought Website.
Disponível em: <https://www.hetwebsite.net/het/texts/keynes/keynes1925liberal.htm>